

SEMELHANÇAS E DESSEMELHANÇAS ENTRE *LA GRANDA KALDRONO* E *LA CASA VERDE*¹

Similitudes y Disimilitudes entre 'La Granda Kaldrono' y 'La Casa Verde'

Rita Mara NETTO DE MORAES

Centro de Línguas e Interculturalidade, Universidade Federal do Paraná

rita_demoraes@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-8539-1124>

RESUMO: O presente artigo apresenta um estudo comparativo entre os romances *La granda kaldrono* (“O grande caldeirão”), obra originalmente escrita em Esperanto, do escritor escocês John Islay Francis, e *La casa verde*, do escritor peruano Mario Vargas Llosa. Objetiva-se comparar o universo temático dos dois romances, desvelar a estrutura similar presente neles, as técnicas utilizadas pelos autores para apresentar os temas escolhidos e o uso do tempo. Em relação ao tema, Francis e Vargas Llosa seguem caminhos diferentes que, ao final, chegam a uma perspectiva semelhante. O primeiro elege como tema a guerra e suas consequências na vida do homem comum. O segundo elege tema relacionado ao Peru, mas que nos leva a refletir sobre a América Latina, explorada por aqueles que a conquistaram, que destruíram seu modo de vida originário e deixaram nela um sentimento de desamparo e de falta de identidade. Os dois romances exigem do leitor muita reflexão e concentração para ligar todos os fios magistralmente tecidos pelos autores, que entrecruzam duas gerações, duas histórias cujas personagens por vezes parecem caminhar lado a lado, dialogando e vivendo conflitos semelhantes. **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Comparada; Esperanto; John Francis; Vargas Llosa.

RESUMEN: Este artículo presenta un estudio comparativo entre las novelas *La granda kaldrono*, obra originalmente escrita en Esperanto, del escritor escocés John Islay Francis, y *La casa verde*, del escritor peruano Mario Vargas Llosa. El objetivo es comparar el universo temático de las novelas, desvelar la estructura similar que presentan, las técnicas utilizadas por los escritores para presentar los temas escogidos y el uso del tiempo. Con relación al tema, Francis y Vargas Llosa siguen caminos diferentes que, al final, llegan a una perspectiva semejante. El

¹ O presente estudo foi realizado na conclusão do Curso de Pós-Graduação em Estudos Interlinguísticos (Universidade Adam Mickiewicz, Poznań, Polônia).

primero elige como tema la guerra y sus consecuencias en la vida del hombre común. El segundo elige tema relacionado con Perú, pero que nos lleva a una reflexión sobre la América Latina, explotada por los conquistadores que han descaracterizado su modo de vida y dejado en ella un sentimiento de desamparo y pérdida de identidad. Las dos novelas exigen del lector gran reflexión y concentración para hacer las ligaciones de todos los hilos magistralmente tejidos por los autores, que entrecruzan dos generaciones, dos historias en las cuales los personajes a veces parecen caminar juntos, dialogando y viviendo conflictos semejantes. **PALABRAS-CLAVE:** Literatura Comparada; Esperanto; John Francis; Vargas Llosa.

RESUMO: Tiu ĉi laboraĵo pritraktas la komparon de du romanoj. Unu el ili, *La granda kaldrono*, apartenas al la originala esperanta literaturo kaj ĝin aŭtoras la skota verkisto John Islay Francis. La alia, *La casa verde*, apartenas al la latinamerika literaturo kaj estis verkita de la peruano Mario Vargas Llosa. La ĉi tie proponata laboraĵo celas kompari la strukturon de la du romanoj, serĉante la similaĵojn. Ĝi celas ankaŭ senvualigi la teknikojn uzatajn de la du aŭtoroj por starigi la temojn elektitajn, samkiel analizi la uzon de la tempo en ambaŭ romanoj. Rilate al temo, Francis kaj Vargas Llosa sekvas malsimilan vojon, kiu tamen atingas similan perspektivon. La unua elektas kiel temon la du Mondmilitojn kaj iliajn konsekvencojn sur la vivon de ordinara homo. La dua elektas temon rilatantan al Peruo sed, pere de ĝi, oni povas pripensi sur Latinameriko, ekspluatata de tiuj, kiuj konkeris ĝin, detruis ĝian originalan vivmanieron kaj postlasis en ĝi senhelpecan senton kaj mankon de identeco. La du romanoj cerbumigas la leganton, kiu bezonas grandan koncentriĝon por kunligi la fadenojn magistre teksitajn de la verkistoj, kiu interplektas du generaciojn, du historiojn, kies romanpersonoj ŝajnas kelkfoje paŝi flankon ĉe flanko, en dialogo, kaj travivante similiajn konfliktojn. **ŜLOSILVORTOJ:** Kompara literaturo; Esperanto; John Francis; Vargas Llosa.

INTRODUÇÃO

A criação literária pode emergir como expressão e registro de uma época, de seus aspectos políticos, econômicos, sociais e psicológicos, mas também pela necessidade humana de expressar sentimentos, vivências, desejos e aspirações de ordem pessoal ou universal.

Em relação ao Esperanto, aqueles que o criticam baseiam seus argumentos justamente nos aspectos de cultura e literatura. Segundo eles, uma língua sem um povo e um país específicos não tem condições de exprimir sentimentos nem tradição, razão pela

qual o Esperanto não poderia criar literatura e cultura próprias. No entanto, a tradução literária em Esperanto e, principalmente, sua criação original comprovam a eficácia da língua para expressar sentimentos e modos de pensar diversificados. Zamenhof² provou, por meio da tradução e de seus próprios poemas, que o Esperanto expressa perfeitamente os pensamentos, as ideias de diferentes escritores/as e diferentes obras.

No que concerne à literatura original, o Esperanto já provou que, como qualquer língua étnica, pode expressar tudo que se deseja. “Como seria possível” – indaga Edmond Privat – “que uma língua viva sem literatura? Às línguas vivas, ela é tão necessária como o coração ao homem vivo. [...] Serve nossa língua para a literatura e, entre as mais sonoras línguas do mundo, o Esperanto tem seu lugar de destaque”. (PRIVAT, 1990).

Há, na literatura esperantista, autores que mereceriam estar ao lado dos grandes autores nacionais na lista dos mais lidos e aplaudidos. Entre eles, encontra-se John Francis, escritor contemplado no presente estudo juntamente com Vargas Llosa.

OS AUTORES E AS OBRAS

John Francis, *La granda kaldrono*

John Francis estreou na literatura esperantista em 1952, quando teve um poema editado no livro de poemas *Kvaropo* (“Quarteto”). Além de poemas escreveu contos, romances e artigos sobre a literatura esperantista.

Segundo Geoffrey Sutton (2008, p. 224), Francis pertence ao terceiro período da literatura esperantista, que aporta a ideia de que o Esperanto e sua literatura não podem ser totalmente neutros porque estão em “conflito direto com ideologias hegemônicas que se contrapõem aos princípios de igualdade e aos valores humanos e culturais de respeito recíproco nas relações internacionais”. Carlevaro, citado por Sutton, aponta a ironia como característica principal de sua prosa, por meio da qual ele analisa a conduta humana. Já críticos como Ferenc Szilágyi e Henri Vatré o consideram um escritor pessimista.

Em relação a *La granda kaldrono*, Geoffrey Sutton considera-o a maior e mais significativa contribuição de Francis à prosa esperantista, enquanto William Auld afirma ser o romance, em parte, uma celebração ao marxista escocês John Maclean, uma das personalidades mais amadas na História da Escócia. De acordo com Auld, ele é o eixo do romance.

² Luís Lázaro Zamenhof (1859-1917), iniciador do Esperanto.

Quanto ao tema, política e socialmente relevante, Francis apresenta-o sob a perspectiva das pessoas comuns, que realmente sofrem as consequências do poder exercido por aqueles que regem o mundo, dominando e subjugando os considerados subalternos. Ele estrutura o romance de modo que o ponto de vista crítico das personagens se manifesta por meio dos diálogos, em que a voz do narrador empalidece sob as vozes coletivas que expressam sentimentos diversos em relação à guerra, tema central do romance.

A presença da figura não ficcional do revolucionário escocês John Maclean, que age na categoria de personagem referencial, confirma a relação do texto com aspectos políticos e sociais, embora se evidenciem muito mais os aspectos sociais e psicológicos. John Maclean não mantém contato direto com as personagens ficcionais, entretanto, de certa maneira, convive com elas e exerce forte influência em suas condutas e decisões. Apesar de ser uma notória figura histórica na luta contra o capitalismo e defensor da revolução socialista, John Maclean ocupa, no romance, o mesmo lugar de importância das personagens principais. Conforme Roland Barthes, dentro de uma narrativa, justamente as figuras históricas que não possuem um papel de maior importância em relação às ficcionais possuem importância real: “Se elas estão misturadas com seus vizinhos ficcionais, sua modéstia, como eclusa que ajusta dois níveis, iguala o romance e a História; tais figuras estabelecem no romance o brilho do real”. (BARTHES, 1970). Além disso, John Maclean estabelece a ligação entre as duas gerações representadas na narrativa. À primeira ele se liga presencialmente; à segunda, por meio do legado de suas ideias.

Mario Vargas Llosa, *La casa verde*

Escritor agraciado com o Prêmio Nobel em 2010, Vargas Llosa recebeu ainda vários prêmios por seu romance *La casa verde*, que o consagrou como autor do chamado *boom latinoamericano*. Ele escreveu contos, romances, ensaios e atuou também como crítico literário, o que o capacitou a pensar teórica e criticamente sobre sua própria criação literária.

La casa verde é o segundo romance de Vargas Llosa. Quando acabou de escrever o primeiro, sentiu-se completamente desiludido com a literatura, o que o levou à decisão de escrever dois romances ao mesmo tempo: “Supunha que escrever dois seria menos angustiante que apenas um, porque passar de um a outro teria um efeito refrescante, rejuvenescedor”. (VARGAS LLOSA, 1971). Ele trabalhava nos romances em dias alternados e, durante alguns meses, conseguiu seu intento de escrever histórias paralelas. Entretanto, à medida que cada uma delas encontrava sua própria forma, precisou esforçar-

se para mantê-las independentes em sua mente. Por fim, as personagens se misturaram de tal maneira que resolveu uni-las em um único romance. A gênese do romance pode ser conhecida pela leitura de seu ensaio *Historia secreta de una novela*, em que ele conta que o universo narrativo de *La casa verde* tem conexão entre “realidade real” e “realidade ficcional”. Conta ele que, em uma viagem à Amazônia peruana, teve contato com ampla zona do *Alto Marañón*, lugar onde vivem diversas tribos, entre elas *Huambisas* e *Aguarunas*, que aparecem no romance. Ele conhece também *Santa María de Nieva*, uma vila nas cercanias da Missão de freiras espanholas que recebiam jovens índias com o propósito de ensinar-lhes a língua espanhola, a religião católica e os modos e costumes dos brancos. Vargas Llosa inteirou-se então do drama dessas jovens que, embora suficientemente educadas na Missão, depois de acabado seu tempo de estudo junto às freiras, não encontram lugar no mundo dito “civilizado” e não são mais aceitas no seu lugar de origem por já estarem afastadas demais de sua cultura e de seus costumes. Tudo que presenciou na Amazônia peruana, o autor ficcionaliza em *La casa verde*.

Semelhanças e diferenças entre *La grande kaldrono* e *La casa verde*

O romance de Francis inicia por um prelúdio em que se apresentam ao leitor cinco personagens: Dunkan Maclean, Jano Gill, Donald Maclean, Gon Maclean e Ina Maclean. O romance de Vargas Llosa inicia por um texto introdutório cujo tema é o rapto de jovens indígenas que serão levadas para a Missão em Santa María de Nieva. Os dois romances possuem estrutura circular. Em *La casa verde* essa circularidade envolve Bonifacia, uma jovem indígena que vive na Missão, enquanto em *La grande kaldrono* o último capítulo retoma as cinco personagens apresentadas no início.

No que concerne ao espaço, este é muito importante em *La casa verde*, pois as personagens, social e psicologicamente, são parte do meio, refletem-no em seus sentimentos e ações, ainda que afastadas dele, caso de Bonifacia, que permaneceu na Missão. O espaço alterna-se entre o povoado de Santa María de Nieva, o rio Marañón e a cidade de Piura, em cujas proximidades situa-se a “casa verde”, bordel construído por Don Anselmo.

Em *La grande kaldrono* o espaço se dilui, ressaltando-se os sentimentos e ideais das personagens.

No que se refere ao tema, Francis enfoca as duas Guerras Mundiais, suas consequências na vida do cidadão comum, sua insensatez e a conduta irresponsável de políticos e militares de alto posto – justamente aqueles que poderiam decidir pela paz.

A principal personagem antibélica do romance é Donald, da segunda geração da família Maclean, filho de Dunkan, que lutou na Primeira Guerra Mundial. Donald é o mais severo pacifista da família. Antes de a Segunda Guerra acontecer ele acreditava fortemente que a humanidade havia aprendido com o passado: “Não haverá guerra, protestou Donald Maclean. Pelo menos não grande; essa loucura não pode acontecer depois da experiência da Primeira Guerra.”³ (FRANCIS, 1978, p. 36). Entretanto, a Segunda Guerra acontece. Donald recusa-se a lutar, exercendo o direito de seguir sua consciência apesar das dificuldades e das críticas daqueles que o julgam covarde e infiel à Pátria.

O tempo e a arte dos escritores

O tempo, esse grande desconhecido que suscita tantas teorias, que nos inquieta e instiga a refletir sobre sua realidade ou sua ilusão, ocupa a mente e a criação de grande parte dos escritores, seja problematizado de forma central, seja evocado nas indagações das personagens. Em *La granda kaldrono* a jovem Ina indaga-se sobre a vida, a morte e o tempo: “Da plena vida caminhamos somente para a morte, e dessa morte no entanto vem a vida, como a vida atual veio da morte. Não há nenhuma divisão: o tempo é um enganador.” (p. 271). É ainda Ina, agora esposa e mãe, que continua a se indagar sobre o passar do tempo:

Depois de vinte anos! Antes de vinte anos! O que significa isso? Que o verdadeiro presente foi antes de vinte anos, e este somente uma época passada? Que hoje é o verdadeiro presente, e o passado somente impressões na memória? Presente e passado: ambos são diferentes para cada indivíduo, pois ambos são apenas farrapos na mente individual, não inteiramente perceptíveis a uma só pessoa. (FRANCIS, 1978).

A apreensão do tempo muda conforme as circunstâncias, da mesma maneira o sentimento e a percepção pessoal: tempo psicológico, medido pela sequência de estados de consciência e que apresenta valores diferentes: quando experienciado e quando lembrado. Ao longo do texto as personagens continuam a refletir sobre o tempo. Ferido na guerra, Dunkan se encontra na enfermaria com alguns companheiros:

O pensamento de ‘voltar ao Fronte’ já bloqueia a felicidade. Aquele Fronte no qual eles se jogaram, e que nunca se move, como se o próprio Tempo parasse, chocado. Os outros continuam conversando,

³ Todas as traduções são minhas.

mas ele permanece deitado em silêncio, tentando reencontrar a energia espiritual, agradecendo por estar ali, agora, na enfermaria. O espírito já se distanciou dos tormentos do passado, e ele se esforça em mantê-lo em alto grau de felicidade [...]. Prender, eternizar o momento – em vão; ele passou, já está longe! Pois quão grande, quão longo é o momento? Ele não tem medida: é invisível, ilusão. Onde está agora o momento em que ele foi feliz? No passado, sem existência, e se ele teve existência, por que ele não pôde retê-lo? Por que ele não pode revisitá-lo e recuperá-lo do passado? Porque ele está morto? O momento no qual acabou de pensar, este está igualmente morto; o momento presente morre; isto é o tempo; morte de momentos, nenhum momento efetivamente vive, existe: ele apenas acontece para morrer. Quanta vaidade tentar desfrutar de um oásis de paz; [...] Engano, engano, engano, – o presente é passado e futuro, mas nunca vive verdadeiramente; ele promete, e subitamente... (FRANCIS, 1978, 259).

Tanto Francis como Vargas Llosa utilizam o Tempo Psicológico para construir o universo narrativo de seus romances. Além do Tempo Psicológico, Vargas Llosa usa o Tempo Mítico e nesse tempo o autor localiza a primeira casa verde, conhecida apenas pelas lembranças, pelas fantasias e pelas pilhérias do povo de Mangachería; até mesmo o misterioso Anselmo, cuja origem ninguém conhece, não confirma a verdadeira existência da casa, supostamente construída por ele.

Em *La casa verde* a complexidade narrativa concentra-se no uso do tempo e no narrador, que se intromete nos diálogos entre as personagens dificultando a compreensão imediata do leitor, que não consegue distinguir muito bem quando fala o narrador, quando a personagem: “– Sim, cara, como te sintas melhor – disse Aquilino – Anda, conta-me de uma vez como foi que te escapaste. Por que te prenderam? Que idade tinhas então?”. (VARGAS LLOSA, 1966). Aquilino faz a pergunta a Fushía, porém a resposta vem do narrador onisciente, que participa do diálogo. O mais interessante é que o narrador utiliza a mesma maneira de falar da personagem. Assim como Fushía, ele usa o termo “velho” e isso confunde sobremaneira o leitor:

Ele havia estado na escola e, por isso, o turco lhe deu um trabalhinho em seu armazém. Era responsável pelas contas, Aquilino [...]. E ainda que honrado naquela época, já sonhava enriquecer. Como economizava, velho, só comia uma vez ao dia, nada de cigarros, nada de bebida. Queria um capitalzinho para fazer negócio. E assim são as coisas, o turco meteu na cabeça que ele o roubava, pura mentira, e o levaram preso. [...] Não era a coisa mais injusta, velho? (VARGAS LLOSA, 1966).

Aquilino, por sua vez, responde diretamente a Fushía, como se a resposta à sua indagação tivesse vindo dele e não do narrador: “Mas isso você já me contou quando saiu da ilha, Fushía – disse Aquilino. – Eu quero que você me diga como você conseguiu fugir.” (VARGAS LLOSA, 1966, p. 29). Logo após essa pergunta, ocorre uma mudança temporal e espacial na narrativa. O tempo da narração e o tempo do leitor se nivelam, e o leitor pode acompanhar a fuga dos presos; os fatos passados se presentificam, como se estivessem acontecendo no momento da fala das personagens: “– Com esse arame – diz Chango – Iricuo usou o arame da caminha. Nós já testamos e ele abre a porta sem barulho. Você quer ver, japonês?” (p. 29). O narrador retoma a palavra, dirigindo-se outra vez a Aquilino: “– Chango era o mais velho, estava lá por coisas de droga, e tratava Fushía com carinho. Iricuo, ao contrário, sempre debochava dele. Besta, que roubou muita gente mentindo sobre herança, velho. Foi ele quem planejou a fuga.” (p. 29). A narração continua no tempo presente, mostrando todas as aventuras relativas à fuga de Fushía, Chango e Iricuo. A complexidade do texto está no fato de os diálogos ocorrerem no mesmo tempo da narração. O narrador e as personagens que participam do plano de fuga dialogam como se estivessem todos juntos, no mesmo espaço e tempo:

- O resultado foi exatamente esse, Fushía? – pergunta Aquilino.
- Exatamente – responde Iricuo – Vocês não percebem que no Ano Novo todos saem? Ficou somente um no pavilhão, temos que tirar-lhe a chave antes que a jogue do outro lado da grade. Depende disso, cara.
- Abre de uma vez, Chango – diz Fushía. – Já não aguento, Chango, abre. (VARGAS LLOSA, 1966, p. 29).

Devemos atentar para o fato de que Aquilino e Fushía estão juntos no tempo presente e Fushía relembra seu passado. Chango e o japonês, que é o próprio Fushía, pertencem ao passado, à memória de Fushía, que já se encontra velho e doente. Aquilino o conduz ao leprosário, viajando sobre o rio Marañón.

Segundo o próprio Vargas Llosa há, em seu romance, raciocínios faulknerianos, pois “William Faulkner é, em minha opinião, o modelo de romancista” (VARGAS LLOSA, 1971, p. 55). Talvez o romance *The sound and the fury* (1929), que faz parte do período experimental do autor, tenha inspirado Vargas Llosa na criação de *La casa verde*. Da mesma maneira que o romance de Faulkner, o do autor peruano compõe-se de diferentes histórias que ocorrem em paralelo. O mesmo fato é contado por diversas personagens, com diferentes pontos de vista, como em relação à existência ou não da primeira casa verde.

No caso de *La granda kaldrono* pode-se dizer que há também um raciocínio faulkneriano em relação à mixagem de tempo. No capítulo nove, por exemplo, há uma mixagem de episódios que ocorrem em diferentes tempos. São cinco episódios que aparecem graficamente separados e apresentam duas gerações: *Ĝon Maclean*, o revolucionário que vive a Primeira Guerra Mundial e *Donald*, que se recusa a lutar na Segunda Guerra. Os episódios se alternam e isso pode provocar estranhamento para o leitor menos atento. O leitor mais perspicaz, no entanto, apreende os fios sutilmente tecidos pelo autor para ajudá-lo na compreensão da leitura:

Ĝon acabou a sopa de sêmola. É uma punição comer isso, mas no fim das contas é nutritivo, força para a batalha que agora nunca cessará.

Ora – pensou *Donald* enquanto deixava o escritório – é maravilhoso como a situação agora se definiu. Depois de uma primeira autocongratulação por haver dado um passo firme demitindo-se da firma, ele começou a sentir um vácuo gelado no ventre por saber que se deixou sem recursos para viver e que simpatia por sua situação ele não encontrará facilmente, mas agora ele se consola pensando que no futuro sua luta será sem complicação, sem ambiguidade. Como ele desejava isso pouco tempo atrás.

Nunca acabará, pois a que ele voltará? Certamente não ao emprego de professor, talvez a nada. Isto leva a uma perspectiva de fome para ele e para sua família, mas seu trabalho revolucionário não cessará; será pelo contrário mais intenso, porque nada mais restará para distraí-lo. Parece que a guerra estará acabada após três anos; certamente a situação mudará. [...] Ele precisa se informar a respeito dessa notícia. Isto é, notícia sobre a guerra.

Sim, certeza ele desejava acima de tudo, e isso ele agora tem e, além disso, tem um objetivo positivo – o tribunal.

A principal notícia era que os aliados começaram intenso bombardeio nas cercanias do rio Somme, evidente começo da Grande Ofensiva. (p. 292).

O leitor atento percebe que no primeiro episódio a frase “nunca cessará”/”nunca acabará” (última linha) repete-se no terceiro (primeira linha). No mesmo trecho tem-se a palavra “notícia” (última linha), que se repete no último episódio (primeira linha). Todos eles se referem a *Ĝon Maclean*. O segundo episódio, por sua vez, liga-se ao quarto através da frase “Como ele desejava isso pouco tempo atrás”/”Certeza ele desejava acima de tudo.” (primeira linha). Esses textos têm *Donald* como protagonista. Eles podem ser lidos

alternadamente ou em primeiro lugar os textos concernentes a uma das personagens, a seguir aqueles que dizem respeito a outra.

La granda kaldrono não apresenta uma intriga, porém se constrói por meio de episódios, quase todos autônomos, que mostram paralelamente duas Guerras Mundiais vividas por duas gerações. Embora os episódios sejam autônomos, o autor usou ligações que aparentam uma continuidade: No fim do primeiro capítulo, por exemplo, que consiste de cinco episódios, todos eles se ligam sutilmente por palavras ou frases que têm relação, como se pode constatar nas ligações concernentes entre esses episódios, conforme apresentados a seguir. No fim do primeiro capítulo, a palavra *flugmaŝino* (avião) faz-se ligação para o segundo episódio, no qual aparece a palavra *aeroplano* (avião). Elas são um salto sutil de uma época para outra, da Primeira Guerra Mundial, na qual participou Dunkan (primeira geração da família Maclean) para a Segunda Guerra Mundial, em que aparece Jano (segunda geração), filho de Ina, irmã de Dunkan. A sutileza está justamente nas palavras eleitas para fazer esse salto, essa transposição de uma época à outra: *flugmaŝino* reflete um uso mais antigo, que nos remete à época em que o avião e, conseqüentemente, a palavra correspondente em Esperanto acaba de surgir.

[...] época em que a humanidade vive uma nova etapa com maravilhosos inventos para o seu bem estar e distração: o automóvel, que se faz cotidiano; o cinematógrafo, pelo qual se mostram figuras em movimento; radiofonia, pela qual se pode enviar sinais a lugares distantes; o avião, que silenciou seus críticos já há três ou quatro anos voando sobre o Canal Inglês... (p. 8-9).

O segundo episódio liga-se ao terceiro pela palavra *tagmanĝo* (almoço): Jano conversa com sua mãe Ina e finalmente pergunta: “O almoço estará pronto logo?” E no começo do terceiro episódio Ina, então em sua juventude, diz: “Ei, almoço já! disse a si mesma Ina Maclean ao ouvir o toque do sino [...]”. (p. 11).

Mais adiante, ainda no terceiro episódio, a palavra *turniro* (torneio) faz-se ligação para o quarto episódio por meio da palavra *turniraĉoj* (torneios pouco sérios). O quarto, por sua vez, liga-se ao quinto por meio da palavra *varmo* (calor).

A apresentação paralela de duas Guerras Mundiais vividas por duas gerações de uma mesma família atenta para o fato da repetição da falta de prudência humana, que não aprende com o passado sangrento. A mudança de tempo na narrativa se faz por meio desse paralelismo; não é marcada, porém apreendida pelo leitor através das personagens, da constante mudança de gerações, que apresentam conflitos semelhantes e semelhantes sentimentos em relação à guerra.

COMENTÁRIOS FINAIS

Os dois romances analisados seguem caminhos similares na construção de suas narrativas e em sua temática básica. Ambos tratam sobre o universo da miséria humana, interessam-se pelo homem comum, que sofre verdadeiramente o impacto das decisões daqueles que detêm o poder com mão férrea. O horror da guerra e seu risco constante angustiam o homem em todas as épocas da história e seu desfecho nefasto não conduz os amantes do poder e da dominação a um caminho menos insensato. Isto se encontra bastante evidenciado em *La granda kaldrono*.

Vargas Llosa enfoca a exploração do homem pelo homem, embate sem trégua na história da humanidade; a infinita batalha entre o mundo “supostamente civilizado” e o mundo “supostamente primitivo”.

John Francis e Vargas Llosa atestam que a literatura pode transpor os limites da experiência em contextos diferentes – Europa e América Latina – e apresentar uma experiência humana que não se fecha em fronteiras estanques. O humano, em qualquer tempo e em qualquer lugar, será sempre um tema rico e fascinante para ser abordado e aprofundado.

REFERÊNCIAS:

AULD, William. *Vereco, Distro, Stilo*. Saarbrücken: Artur E. Iltis, 1981.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

BENCZIK, V. *Studoj pri la Esperanta literaturo*. Kameoka: La Kritikanto, 1980.

FRANCIS, John Islay. *La granda kaldrono*. Antverpeno, La Laguna: TK/Stafeto, 1978.

PRIVAT, Edmond. *Pri Esperanta Literaturo*. 3. eld. Pro Esperanto, 1990.

SUTTON, Geoffrey. *Concise encyclopedia of the original literature of Esperanto 1887-2007*. New York: Mondial, 2008.

VARGAS LLOSA, Mario. *La casa verde*. Barcelona: Seix Barral, 1966.

VARGAS LLOSA, Mario. *La historia secreta de una novela*. Barcelona: Tusquets Editor, 1971.